

SUSTENTABILIDADE DURADOURA E HABITAR HUMANO DO PLANETA TERRA – a arquitetura dinâmica Biológico-cultural LASTING SUSTAINABILITY AND HUMAN HABITATION OF PLANET EARTH – the dynamic Biological-cultural architecture

Valdo Barcelos¹
Maria Aparecida Azzolin²

RESUMO: O artigo propõe uma reflexão sobre sustentabilidade, tendo como fundamento epistemológico a proposição da Biologia-cultural de Humberto Maturana e Ximena Dávila. Os desequilíbrios ambientais do planeta não decorrem, exclusivamente, da utilização dos elementos existentes, da geração dos resíduos e de seu descarte, mas, sim, da forma como é feita essa utilização e descarte. Esse processo é realizado por todos os seres vivos. Ocorre que nós humanos adotamos um modo de viver orientado pela irresponsabilidade aliada a uma persistente atitude de não se dar conta de que somos o ser vivo que mais gera transformações destrutivas da harmonia ecológica no planeta Terra. Esse processo ocorre cada vez com mais intensidade e velocidade. O artigo busca demonstrar que aquilo que se denominam de processos sustentáveis são o resultado de dinâmicas Biológico-culturais que adotamos no fluir de nosso viver cotidiano. A sustentabilidade exigirá a construção de um projeto comum no habitar humano orientado pela co-operação e pela co-elaboração.

Palavras-chave: Sustentabilidade – Humberto Maturana – Biologia-cultural – Habitar Humano

ABSTRACT: The article proposes a reflection on sustainability, having as its epistemological foundation the proposition of Humberto Maturana's and Ximena Dávila's Cultural Biology. The planet's environmental imbalances do not arise exclusively from the use of existing elements, the generation of waste and its disposal, but rather from the way this use, and disposal is made. This process is carried out by all living beings. What happens is us humans adopted a way of living guided by irresponsibility, combined with a persistent attitude of lack of realization that we are the living beings that generate more destructive transformations in the ecological harmony of planet Earth. This process occurs each time with more intensity and speed. The article seeks to demonstrate that the so-called sustainable processes are the result of the Biological-cultural dynamics we adopt in the flow of our daily life. Sustainability will require the construction of a common project in the human habitation, guided by cooperation and co-elaboration.

Key-words: Sustainability – Humberto Maturana – Cultural-Biology – Human habitation

INTRODUÇÃO

Nossa condição de seres vivos, do reino animal, mamíferos e pertencentes a espécie humana, nos coloca de forma inescapável na condição de seres biológico-culturais. É nessa condição que optamos por um modo de viver que nos produziu uma cegueira em relação as consequências de nossas ações cotidianas. A falta de reflexão sobre nossos modos de viver

¹ Doutor em Educação. Professor Titular UFSM. E-mail: vbarcelos@terra.com.br

² Doutora em Educação. Pedagoga UFSM. E-mail: cidaazzolin@gamil.com

está nos levando a um processo de autodestruição como espécie, bem como colocando em risco os destinos do planeta Terra, e, mesmo da biosfera a qual pertencemos. A medida em que um modo de viver vai se estabelecendo e consolidando em uma determinada comunidade, relações são estabelecidas e conservadas. Essas relações, à medida em que vão se consolidando, levam a uma dinâmica de transformações no ambiente vivido³. É a permanência de algumas dessas relações que definirá o que irá se conservar/manter como modo de vida dessa comunidade, e a isso, denomina-se, genericamente, de cultura. Nesse artigo tomaremos o entendimento de cultura proposto por Maturana (2016). Para esse autor, começa a aparecer uma cultura quando permanecem através das gerações certos modos relacionais de viver/conviver. Os humanos vivem/ convivem na linguagem e no conversar.

Com o termo cultura passa-se a conotar certo modo de conversar, o qual passa a se fixar transgeracionalmente em redes de conversações. Uma cultura se especifica através de um certo conjunto de modos de conversar. Nesses modos de conversar se mantém certos modos condutuais. São esses modos de conduta relacionais e sentires relacionais íntimos que permanecem, e, com eles se configura a cultura. Nesta perspectiva, fala-se em cultura, biologia e em Biologia-cultural, porque são fatores constituintes do humano. Os humanos vivem e convivem na linguagem, no conversar. Através dessa noção de cultura, vê-se que vivemos, em múltiplas culturas. Como indivíduos humanos, participamos e, desde nosso fazer, conservamos o viver/conviver em múltiplas redes de conversações. Conversamos, e, no conversar, mantemos certos modos de conversar, entre pessoas no conviver. Pode-se ver, assim, que as culturas, acontecem na medida em que são conservados certos modos de conversar, e com esses modos de conversar surgem redes de conversações. Como se os indivíduos fossem nódulos dessas redes. Aquilo que será conservado e/ou preservado, numa determinada cultura, está intimamente relacionado com as escolhas que fazemos. Escolhas, essas, que denotam nossa dimensão de responsabilidade conosco num primeiro momento

³ Para Maturana e Dávila (2009), todos os seres vivos, inclusive os seres humanos, vivem e convivem na biosfera, transformando-a e sendo transformado ao habitá-la. Ainda, definem a antroposfera como “o âmbito de coerências ecológicas onde se realiza e conserva o humano, que surge com o viver humano como um modo humano de estar inserido na biosfera e ser parte dela. Tudo o que constituiu nosso viver humano (desde nosso operar biológico natural até as maiores fantasias de nossos artifícios criativos) é parte da antroposfera e, como tal, é parte da biosfera, assim como o é o modo de viver de qualquer ser vivo”. (2009, p.19)

e, com o outro, com o qual convivemos em nosso viver em comunidade. Responsabilidade, tomamos aqui, como as escolhas que fizemos ao viver em liberdade.

Liberdade aqui é tomada segundo a proposição de Maturana (1997). Para este autor, viver em liberdade consiste em que nos demos conta, que assumamos as consequências de nossas ações, de nossas atitudes cotidianas. Há que levar-se em conta que todas nossas ações são importantes. Não existem ações desprovidas de importância em nossas dinâmicas relacionais. Todas, portanto, geram consequências que, por seu lado geram outras consequências. Nessa perspectiva de ação, estaremos em coerência com nossos desejos nos espaços de convivência. Para sermos verdadeiramente livres, há que começar a respeitar a nós mesmos, num primeiro momento para, com isto, aprendermos a respeitar o outro. Isto requer “Ser aprendido, y se aprende viviendolo” (MATURANA, 1997, p.212). Ainda, para Maturana e Ximena (2016), responsabilidade é um dar-se conta, espontaneamente, sem um controle externo que nos obrigue a isto, de que nossas ações têm repercussões, que geram consequências para os outros (as) com os quais convivemos e, também, com relação à pessoa que sou no mundo que vivemos.

Em função disso a responsabilidade requer que estejamos, permanentemente, refletindo sobre nossos atos cotidianos. Mesmo aqueles aparentemente sem importância. Este refletir⁴, precisa, segundo Maturana (2016), fazer-se em total desapego às minhas verdades à priori. É este desapego que abrirá caminho para a escuta sincera do outro. Se uma pessoa, criança ou adulto, atua para obedecer ao outro não há responsabilidade. Atuar respondendo às exigências e expectativas de outro não é agir com responsabilidade. A responsabilidade emerge com nossos fazeres que surgem quando aprendemos a viver/conviver no amar. Isto é, quando aprendemos a viver sentindo-nos vistos, escutados, respeitados, e sabendo respeitar a nós mesmos e ao outro a partir desse conviver. (MATURANA, 1997). O que estamos denominando, nesse artigo, de Habitar Humano é uma arquitetura dinâmica de relações, que muitas vezes fica oculta, quando nos referimos a temas complexos como, por exemplo, a sustentabilidade. Entendemos que essa dinâmica de sustentabilidade se constitui em uma dinâmica Biológico-cultural. Para Maturana e Dávila

⁴ A reflexão e a ação de refletir, são tomados aqui em consonância com o que propõe Humberto Maturana (2016) como processos que não se limitam ao pensar, ao raciocinar, aos domínios da cognição, mas, sim, significa buscar agir de modo a perceber, a entender e a compreender os sentidos de nossa própria existência como ser humano e realizar a natureza amorosa que nos funda.

(2009, 2016), *Biologia-cultural* é um espaço do explicar sobre o humano, sobre os demais seres vivos e sobre os próprios fundamentos do conhecer e do viver humano, que surge apoiada nas proposições da *Biologia do Amar* e na *Biologia do Conhecer*. Com ela seus criadores, Humberto Maturana e Ximena Dávila, estabelecem um modo de conhecer o viver humano, que não se limita às possibilidades teóricas. Pois, através dela o que se abre para nós é o conhecer, o entender e o compreender sobre as dinâmicas do viver operacional-relacional humano, no fluir do viver cotidiano. O desenrolar do viver dos seres vivos em torno da autoprodução, denominada aqui de *autopoiese molecular*⁵, acontece em modulação recíproca com o seu fazer no viver, constitui-se como um saber primário para nos reconhecermos como seres humanos viventes em um espaço ao mesmo tempo biológico e cultural, por isso biológico-cultural. Importante ressaltar que a proposição da *biologia-cultural* não é algo do campo restrito da teoria, mas, se constitui em uma dinâmica operacional-relacional e, como tal, é geradora de espaços relacionais denominados de nichos ecológicos⁶. Nessa perspectiva, a noção de *Biologia-cultural* se relaciona ao entrelaçamento

⁵ A denominação *autopoiese*, tem origem grega, e consiste na associação das palavras *auto* (por si próprio) e *poiese* (produção). O neologismo *autopoiese molecular* (MATURANA; VARELA, 1997), tem sua criação, conforme os autores, com a intenção de conotar o **criar por si mesmo**. A *autopoiese molecular* é uma noção que procura explicar a organização do vivo. Em biologia, o que se afirma com essa proposição, é que um sistema vivo se constitui em redes moleculares operacionalmente fechadas, que produzem a si mesmas, e definem seus limites. Um sistema vivo “funciona” em correlações entre as moléculas, as mudanças que acontecem nessa dinâmica definem o que acontece no organismo. A dinâmica de relações entre as moléculas acontece em torno de si mesma, sem nada externo a ela que **determine** o resultado dessa dinâmica. Os contatos entre as moléculas do sistema vivo e elementos externos somente provocam mudanças, não especificam mudanças na atividade molecular em torno da manutenção do vivo. Por isso é dito um sistema fechado. Um sistema dito operacionalmente fechado, pois a sua realização *autopoietica* é definida com a dinâmica dos seus próprios processos moleculares.

⁶Humberto Maturana e Ximena Dávila (2009, 2016) denominam de nicho ecológico o meio onde o ser (organismo) vive e convive de forma dinâmica e esse processo de conservação do modo de viver do ser, no seu nicho ecológico, é chamado de organismo-nicho. Nicho ecológico entendido como o espaço interrelacional que torna possível o operar do ser vivo como um organismo em seu modo particular de viver. Nos referimos ao fazer biológico que todo o ser vivo, em seu viver como organismo existe em um nicho-ecológico multidimensional variável, que surge com ele e muda com ele na realização de sua *epigêneses*. O nicho ecológico envolve todas os aspectos do viver de um organismo, envolvendo todas as dimensões do viver e conviver, psíquicas e fisiológicas. Organismo e nicho ecológico formam uma unidade ecológica – Sensorial, Operacional, Relacional (SOR). Essa unidade é dinâmica (organismo-nicho). Ressalte-se que um ser vivo só existe como integrante da unidade ecológica organismo-nicho no qual realiza seu viver, e vive só enquanto seu modo particular de viver se realiza em coerência com as mudanças estruturais que surgem na dinâmica multidimensional de seu encontro com seu nicho na realização de seu viver. O viver de um ser vivo ocorre apenas enquanto as mudanças estruturais que se produzem na unidade ecológica organismo-nicho que integra seguem um curso que não se interrompe a realização de sua *autopoiesis molecular*. Quando isso deixa de ocorrer, a unidade organismo-nicho se desintegra, o nicho desaparece e o ser vivo morre. Cada pessoa vive um nicho ecológico particular. Sem nicho ecológico não existe ser vivo e sem ser vivo não existe nicho ecológico. (MATURANA, DÁVILA, 2016)

da biologia e da cultura no fluir do viver humano por meio de redes de conversações⁷. Pensar o habitar humano, via um processo cooperativo, colaborativo e co-inspirativo⁸ é o que nos orientará no decorrer desse artigo que ora estamos apresentando aos leitores e leitoras. Leitores (as), que ao refletirem sobre nossas proposições, sintam-se co-inspiradores(as) de uma forma de habitar o planeta e a biosfera mais solidária, cooperativa, responsável, de acolhimento do outro, do deixar o outro aparecer. Enfim, uma forma de habitar humano do planeta que tem como base a Biologia do amar e a Biologia do conhecer. Isso se faz possível e realizável na medida em que como todos os animais são dependentes do amor e nós, humanos somos, de forma, muito particular, amor dependentes.

1. CULTURA PATRIARCAL E VIVER COMPETITIVO: impedimentos à sustentabilidade

“Ao surgir o pastoreio, como modo de vida, surge à apropriação, a desconfiança, o controle, a inimizade e a guerra. Os instrumentos de caça se tornam armas. O pastoreio era pacífico quando da ausência da guerra ativa, sua constituição, sua origem, no entanto, não são pacíficas” (MATURANA, 1997, p.56).

Ao refletir sobre as consequências locais/globais de nosso modo de viver, baseados na apropriação e na dominação, Maturana e Verden Zölller (2004) chamam a atenção para o fato de que a insustentabilidade de nossos modos de viver e conviver não decorrem de uma falta de conhecimentos e experimentações científicas, mas, sim, de nossa incapacidade de reflexão sobre as consequências das escolhas que temos feito através de séculos de cultura patriarcal-matriarcal. Para os(as) autores(as), o esgotamento e a insustentabilidade dos modelos de vida em sociedade se devem a nossa insensibilidade social, perda do respeito

⁷ A expressão conversar aqui empregada é no sentido que Humberto Maturana (2004) dá para a mesma. Segundo este autor, a existência humana acontece no processo relacional do conversar. Nosso ser biológico, como humanos, se constrói na imersão do ato de conversar. Conversar é, para Maturana, o entrelaçamento entre o racional e o emocional no processo da linguagem. Ou dizendo de outra forma: Conversar, como dar voltas com o outro para se entender.

⁸ Co-inspiração como a busca de co-elaboração e co-operação no sentido de construção de um projeto comum em que homens e mulheres co-participam da criação de uma convivência mutuamente acolhedora e libertadora, que se prolonga desde a infância até a vida adulta (MATURANA, VERDEN-ZÖLLER, 2004). Co-inspiração é o acolhimento mútuo da legitimidade das pessoas que se encontram para compartilhar momentos, no viver e conviver.

pela vida dos outros seres vivos e, mesmo, da nossa. Se origina em nossa incapacidade ética de respeito ao outro que se manifesta desde as relações íntimas e cotidianas e de uma forma mais geral “na perda do respeito pela nossa própria existência, na qual submergimos levados pelas conversações de apropriação, poder e controle da vida e da natureza, próprias de nossa cultura patriarcal-matriarcal” (MATURANA; ZÖLLER, 2004). Julgamos oportuno, nesse momento do artigo, traçar um brevíssimo percurso sócio antropológico do que denominamos de cultura Patriarcal-Matriarcal, segundo o que propõem Maturana e Dávila (2016; 2009), como forma de situar o modo de viver atual em que nos encontramos e que entendemos nos encaminha, a passos largos, rumo a insustentabilidade da vida no planeta Terra e mesmo na Biosfera. Segundo Maturana e Dávila (2009) e Gimbutas (1996), a humanidade deve ter começado há cerca de três milhões e meio de anos, originada de uma linhagem de primatas bípedes. Viviam no continente africano, mais provavelmente no hoje denominado Quênia. Estes precursores tinham a estatura corporal de uma criança de hoje com cerca de oito anos. Viviam em pequenos grupos de não mais de 10 indivíduos. Já eram caminheiros eretos e se alimentavam do que colhiam em seus deslocamentos: sementes, nozes, frutas, algumas raízes e, eventualmente, restos de outros animais deixados por predadores carnívoros. Os achados paleontológicos, destes nossos prováveis ancestrais, mostram que os mesmos não eram caçadores. Se, por ventura, em algum momento caçavam, isto se dava em relação a animais muito pequenos e em raros momentos de escassez de alimentos.

A cultura patriarcal-matriarcal, segundo Maturana (2016) e Gimbutas (1996), é um modo de vida que se originou fora da Europa. É um viver cultural mantido por grupos humanos vindos da Ásia. Grupos Indo-europeus chamados de Kurgans. Grupos pastores/cavaleiros/guerreiros. Viviam em torno do controle, da dominação, do uso da violência e do guerrear, desde as fases mais remotas da história. Desse modo de viver histórico surge a desconfiança. Desse desconfiar, nas condições ambientais materiais para sobreviver, passa-se a viver uma desconfiança que passa culturalmente às outras gerações. Nessa desconfiança e medo começa uma mudança cultural, com fazeres guiados no medo mórbido e na desconfiança reiteradamente mantida. Esses modos de viver são incorporados pelos humanos que passam a guiar o seu viver fora da confiança básica de seres vivos, num viver cultural que nega a biologia do amar. Esse viver patriarcal/matriarcal até hoje se

manifesta com nosso fazer/sentir. Vivemos em torno do controle, da apropriação, da competição, da dominação. Entretanto, nesse contexto de relações vividas no patriarcado/matriarcado surgiram os desejos em torno da Democracia e da cidadania. Pois, embora o patriarcado/matriarcado seja central na nossa vida adulta de hoje, nascemos e crescemos, na ternura e calor materno durante os primeiros anos de vida. Essa maneira de viver na ternura e no amar, ainda se mantém dentro do patriarcado que vivemos como um viver cultural que conserva nossa biologia do amar. Os nossos desejos de adultos por um conviver democrático afloram em nós com sinceridade na medida em que aprendemos sobre a biologia do amar nesse conviver sem exigências, vivido de modo que aprendemos a sentir-nos vistos/escutados/respeitados. Está nesse conviver a origem dos nossos sentimentos sinceros em torno da Democracia como modos de viver/conviver a equanimidade para fazer a equidade nas comunidades humanas.

Como alternativa a esse modo de viver marcado pela apropriação, pela dominação e pela eliminação do outro os autores(as) acenam com um modo de viver orientado pela co-operação, pela co-elaboração numa dinâmica de relações do deixar aparecer⁹. A esse modo de viver os autores(as) denominam de cultura matríztica. Tal modo de viver referido se apoia em estudos antropológicos e arqueológicos. Isto se deve ao fato de estarmos vivendo hoje uma época muito distante no tempo daquela que deu origem a uma cultura de orientação matríztica. Alguns estudos arqueológicos feitos na região dos Balcans (velha Europa, cerca de 7.000 anos atrás) mostraram um modo de vida que não deixou marcas de competição, de hierarquias, de dominação, de guerras (GIMBUTAS, 1996). Mostram uma vida em co-operação. Um fluir do viver onde a competição e a negação do outro não se faziam presentes, pois, não eram necessárias. Não foram encontradas fortificações para a defesa de inimigos. Esses inimigos não existiam, pois, os outros povos também viviam sem a emoção da guerra,

⁹ O deixar aparecer é uma disposição, um modo de estar no viver/conviver sem exigências, sem expectativas sobre si mesmo e sobre o mundo que vive. Isso não é algo fácil numa cultura de competição na qual se busca ser dono da verdade, minha verdade, essa que me daria poder na obediência dos outros e que, como me dá poder, não estou disposto a abrir mão dela. O deixar aparecer não é uma visão que se dá desde uma teoria, doutrina ou ideologia. É um encontro em que se vê a legitimidade do que existe. Não vemos sem deixar aparecer e o deixar aparecer é aquilo ao que nos referimos quando falamos de amar. (MATURANA; DÁVILA, 2019). Deixar aparecer não é algo do campo de uma concessão, de uma permissão, mas, sim, uma ação de respeito; um reconhecimento a sua legitimidade; uma ação de acolhimento e de aceitação mútua, sem exigências e/ou expectativas de qualquer tipo. Deixar aparecer é uma ação de amar ao outro. Amar sem impor condições. Seria o amor incondicional.

da dominação, da competição. As investigações arqueológicas realizadas nas sepulturas não registraram marcas de artefatos de guerra, nem de separação entre masculino e feminino, nem sinais de apropriação de objetos. Frente a estes achados o que se pode inferir é que existia um modo de conviver na co-operação, na aceitação mútua do outro, no partilhamento de tudo o que existia. Vivia-se numa coletividade em perfeita comunhão, em harmonia sem o sentimento da propriedade e, portanto, sem a emoção da competição com o outro.

Entendemos que um modo de viver orientado por uma cultura matríztica se faz mais adequado a um processo de sustentabilidade da vida no planeta terra. Nesse sentido, apresentaremos a seguir algumas proposições inerentes a cultura matríztica e ancoradas epistemologicamente na Biologia-cultural.

2. VIVER CO-OPERATIVO E CO-ELABORATIVO: caminho para um habitar humano sustentável

Para que esse modo de viver cooperativo e colaborativo¹⁰ aconteça, se faz necessária a adoção de um projeto comum baseado em conversações co-inspirativas. Co-inspiração, aqui tomada, como a busca de co-elaboração e co-operação no sentido de construção de um projeto comum em que homens e mulheres co-participam da criação de uma convivência mutuamente acolhedora e libertadora, que se prolonga desde a infância até a vida adulta. (MATURANA, VERDEN-ZÖLLER, 2004, p.24). A seguir faremos uma breve síntese do que estamos entendendo como a construção de um projeto comum para o habitar humano sustentável a partir de relações co-inspirativas. Consideramos importante adiantar que a proposição de agir orientados (as) por um projeto comum não significa que apostemos na ausência e/ou na busca da eliminação dos conflitos, da neutralização ou hierarquização de desejos. O que propomos é a possibilidade de convivência colaborativa e cooperativa mesmo entre pessoas com visões diferentes sobre o fluir do viver. O processo do projeto comum significa um viver/conviver, no qual se vive e convive no mútuo respeito, na honestidade, na equidade e na ética social, na co-elaboração em um projeto comum de pessoas diferentes

¹⁰ Para MATURANA e DÁVILA (2016), a co-operação tem que ver com algo que significa co-operar. Ou seja: passar a operar com o outro. Operar junto, numa emoção de aceitação mútua no fluir do viver cotidiano. Da mesma forma, a co-elaboração vai além de elaborar a execução de uma proposta, mas, sim, diz respeito a partilhar de uma emoção comum, que conduza a construção de um projeto comum: o projeto de co-elaborar para co-operar com um propósito comum.

que convivem por que querem, por que desejam, sincera e honestamente esse conviver no amor¹¹.

Para Maturana e Dávila (2016) conversações colaborativas são um modo de conversar co-inspirativo e colaborativo na diversidade que nos faz avançar na geração de um projeto comum humano, que resulte em um habitar humano do planeta Terra e da Biosfera duradouro e sustentável para todos. Nesse processo de conversações colaborativas precisa-se do reconhecimento das vozes de todas as pessoas envolvidas. Para os (as) autores(as) esse processo de conversações colaborativas se apresenta como um dos maiores desafios relacionais para o mundo contemporâneo tão marcado pela cultura patriarcal. Após essa breve reflexão sobre a proposição de Maturana e Dávila (2009) sobre o habitar humano sustentável a partir de nossas emoções íntimas no fluir do viver cotidiano, apresentaremos aos leitores (as) como se constituem esses sentires íntimos - **(1) dimensão íntima e (2) dimensão relacional operacional** - a que se refere Humberto Maturana. Neste sentido, faremos a seguir uma breve síntese dos mesmos, a partir das proposições de Humberto Maturana em um texto fundamental intitulado **“La democracia es una obra de arte¹²”**. (Colombia-Bogotá. Cooperativa Editorial Magistério, 1994).

(1) DIMENSÃO ÍNTIMA

- **CO-OPERAÇÃO E CO-ELABORAÇÃO** – A co-operação tem que ver com algo que significa co-operar. Ou seja: passar a operar com o outro. Operar junto, numa emoção de aceitação mútua no fluir do viver cotidiano. Da mesma forma, a co-elaboração vai além de elaborar a execução de uma proposta, mas, sim, diz respeito a partilhar de

¹¹ Amor não é um fenômeno eventual, mas uma condição básica e cotidiana que define as relações entre os humanos. Amar é uma atitude em que se aceita o outro de forma incondicional e não se exige ou se espera nada como recompensa. Amar implica ocupar-se do bem-estar do outro e do meio ambiente. Em vez de oferecer instruções do que e como fazer, amar é respeitar o espaço do outro para que ele exista em plenitude. O amor é a emoção fundamental que tornou possível a história da humanidade. Ele determina as condutas humanas, que, por sua vez, tecem o convívio social, entendendo aqui emoção não como um sentimento, mas como formas de relacionamento. O amor nos dá a possibilidade de compartilhar a vida e o prazer de viver experiências com outras pessoas. Essa dinâmica relacional está na origem da vida humana e determinou o surgimento da linguagem, responsável pelos laços de comunicação e que inclui ações, emoções e sentimentos. O amor é a emoção que constitui as ações de aceitar o outro como outro legítimo outro na convivência. Portanto, amar é abrir um espaço de interações recorrentes com o outro, no qual sua presença é legítima, sem exigências.

¹² Texto resulta de aulas ministradas por Humberto Maturana no Instituto para el Desarrollo de La Democracia Luis Carlos Galdán. (Colombia, 1994)

uma emoção comum, que conduza a construção de um projeto comum: o projeto de co-elaborar para co-operar com um propósito comum. Para que a co-elaboração aconteça se faz necessário que existam propósitos comuns. Fazer o que se faz com total liberdade, respeito pelo outro e com prazer mútuo na relação. Um fazer desse tipo vai além de simplesmente fazer algo junto com o outro, como mais uma tarefa a cumprir, mas, sim, significa fazer algo que tenha consequências boas para a comunidade. Esse é um passo fundamental para a construção de um projeto comum para um habitar humano do planeta Terra duradouro e sustentável;

- **HONESTIDADE** – Podemos ser honestos. Se desejarmos ser honestos. Contudo, para que isso realmente ocorra se faz necessário que aceitemos não mentir; não dissimular; não manipular as relações e, principalmente, que toda vez que cometermos erros sejamos capazes de reconhecê-los sincera e honestamente. Esse é o ponto de partida para uma relação de aceitação mútua e de respeito pelo outro, sem o qual o projeto comum sustentável e duradouro não se realizará;
- **VONTADE DE COEXISTIR E DE CONVIVER** – há que fazer-se uma pergunta fundamental: queremos sinceramente conviver de forma sustentável e duradoura e na construção de um habitar humano de forma colaborativa e cooperativa entre as pessoas? É impossível a convivência colaborativa e cooperativa onde uma das partes está sendo obrigada ou se encontra sob alguma exigência da outra, bem como quando não se sinta, espontaneamente, participante de forma colaborativa desse projeto comum. O sentimento de pertencimento é decisivo para a construção do projeto comum no habitar humano duradouro e sustentável;
- **RESPEITO MÚTUO** – Assim como a co-elaboração exige o respeito ao outro, o respeito mútuo carece de uma conversa em que ambas as partes envolvidas se sintam escutadas, acolhidas e reconhecidas em suas diferenças. Qualquer acordo, qualquer consenso daí decorrente encaminhará para uma

relação de honestidade. Sem apreço real por relações de honestidade nenhum projeto comum de habitar humano duradouro e sustentável se realizará;

- **CONVERSAR REFLEXIVO** – Para que aconteça a reflexão, e para que aconteça o respeito mútuo se faz necessário dispormo-nos a abrir mão de nossas certezas e verdades. Nesse ato de conversar reflexivamente com o que deve ser considerado por nós é a validade dos argumentos e dos fundamentos apresentados. Tais argumentos não podem violar, desconsiderar as questões éticas nas relações. Se isso acontecer estará inviabilizada a proposição de colocar em movimento um projeto comum e para um habitar humano duradouro e sustentável;
- **RESPEITO POR SI MESMO** – Só acontecerá o respeito mútuo numa relação se for precedido do respeito por si próprio das pessoas envolvidas. Ou isto ocorre ou não teremos uma relação orientada para a sinceridade, a honestidade e a responsabilidade. Uma relação deste tipo só poderá ocorrer quando sentirmos que não precisamos justificar nossas atitudes. Ou seja: que não tenhamos vergonha de assumi-las como nossas e legítimas. Sem culpas ou cobranças a nós mesmos. A espontaneidade em participar e/ou em colaborar são condições necessárias para a implementação de qualquer proposta de projeto comum duradouro e sustentável no habitar humano do planeta;
- **ÉTICA SOCIAL** – O sentir íntimo de uma ação ética social acontece quando nos comportamos de forma livre, espontânea, consciente e responsável de modo que não produzamos danos a nós, ao outro e mesmo ao ambiente ecológico em que vivemos nosso fluir do viver. Um projeto comum duradouro e sustentável, precisa levar em conta que o que acontece nas relações em qualquer organização social tem consequências sociais e ecológicas no planeta;
- **EQUIDADE** – A equidade está intrinsecamente ligada a uma postura ética, colaborativa, reflexiva e honesta na construção de um habitar humano

duradouro e sustentável, na medida em que não rompe com a harmonia na distribuição das energias e das emoções nas relações íntimas entre as pessoas envolvidas na construção de relações sustentáveis socialmente e ecologicamente. A quebra dessa equidade leva, invariavelmente, a desarmonia. Desarmonia, essa, que tem como consequência as doenças e sofrimentos que nos acometem e que inviabilizam toda e qualquer ideia de um projeto comum de gestão colaborativa em busca de um habitar humano duradouro e sustentável.

Humberto Maturana (1994), após apresentar essas relações íntimas, faz um alerta sobre a necessidade de atentarmos para o fato de que se qualquer uma dessas dimensões for “esquecida” será inviabilizada a possibilidade de um viver e conviver de forma sustentável e em um projeto comum de habitar humano. Ao mesmo tempo em que não existe uma relação de hierarquia e de importância entre essas relações íntimas, existe uma interdependência essencial sem a qual nada acontecerá na direção de um projeto comum duradouro e sustentável. Da mesma forma, que não existe uma hierarquia de importância entre essas dimensões íntimas para a um habitar humano duradouro e sustentável, isso se aplica, também, para a proposta de uma gestão colaborativa de pessoas. Nesse sentido é que adotaremos, com algumas adequações, essa perspectiva para a elaboração da proposta de projeto comum de habitar humano duradouro e sustentável no planeta terra em consonância com o que sugere Humberto Maturana. Partimos agora para a segunda dimensão proposta por Humberto Maturana para que a construção de um projeto comum de habitar humano duradouro e sustentável comece a acontecer.

(2) DIMENSÃO RELACIONAL OPERACIONAL

A dimensão relacional operacional, a que se refere Humberto Maturana, tem que ver com as instituições e organizações sociais existentes e seu papel para a construção de relações sustentáveis e duradouras no viver/conviver.

- **CRIAÇÃO DE ESPAÇOS REFLEXIVOS COMUNS** – São esses espaços que permitirão, no âmbito das organizações sociais, um viver/conviver pautado pelo respeito mútuo e pelo amar. Para que o viver/conviver sustentável e duradouro se realize se faz necessária a preservação desses espaços íntimos de conversar e refletir no respeito e no amar sem exigências e expectativas. São, esses, pressupostos que por sua vez, se fazem fundamentais para um habitar humano duradouro e sustentável no planeta Terra;
- **CONFLITOS E DESEJOS** – Na proposição de Humberto Maturana todos os problemas que ocorrem na convivência humana decorrem de conflitos de desejos das pessoas. O viver/conviver humano passa, cotidianamente, por conflitos que decorrem de desejar modos diferentes de viver/conviver. Esses conflitos ocorrem nas organizações, assim que, se faz fundamental que essas organizações estejam abertas, que sejam receptivas para aceitar a convivência cooperativa e colaborativa para a mediação desses conflitos de desejos. Será a qualidade e a capacidade de colaborar e cooperar, dessa organização, que possibilitará a resolução pacífica e harmônica dos conflitos de desejos que ocorrem entre as pessoas. Para que isso aconteça há que se estar numa relação operacional relacional institucional orientada pelo amar e pelo respeito mútuo;
- **FORMAÇÃO DE CIDADÃOS E CIDADÃS** – Essa formação se dá desde a mais tenra infância de qualquer criança. Começa no ambiente íntimo da família por meio da relação amorosa e do deixar aparecer com os pais e tem continuidade na escola. Esses são dois espaços operacionais relacionais fundamentais na formação democrática, colaborativa e cidadã de qualquer pessoa. Contudo, se a criança não tiver tido essa relação na infância poderá recuperá-la na adolescência ou até mesmo na vida adulta. Para tanto, se faz necessário um encontro reflexivo e colaborativo no respeito e na aceitação mútua a partir do amar ao outro. Um dos espaços que podem contribuir em muito para essa transformação em direção a adoção de uma convivência sustentável e de construção de um projeto comum é, justo, o espaço relacional

em que os adultos exercem suas atividades, por exemplo, profissionais: as organizações sociais em que atuam;

- **MUDANÇA E TRANSFORMAÇÃO** – No viver e conviver humano as mudanças e transformações ocorrem em acordo com o desenvolvimento histórico e biológico do ser vivo. As transformações ocorrem o tempo todo. Ao mesmo tempo em que algo se transforma algo se mantém, se conserva. Cabe definirmos o que desejamos mudar e o que desejamos conservar daquilo que queremos manter em nosso viver/conviver democrático e colaborativo nas organizações em que atuamos. A questão é decidirmos que direção escolheremos dar a essas transformações. Ou seja: que relações íntimas vamos desejar preservar/manter e quais queremos mudar. Importante ressaltar que essas mudanças e transformações ocorrem no âmbito das organizações de forma implícita e explícita;
- **RESPONSABILIDADES PASSAGEIRAS E/OU TRANSITORIEDADE DAS RESPONSABILIDADES** - Essa dimensão é fundamental e talvez aquela que mais passa por ataques e por processos de desintegração nas organizações sociais. Tal fato se deve, em grande parte, a forma como as pessoas se relacionam e se apegam com as instâncias de poder e de mando nas instituições que não primam por relações operacionais e relacionais realmente democráticas, orientadas por um projeto comum duradouro e sustentável. As instituições e organizações de governo, nas suas diferentes instâncias e níveis, são o exemplo mais presente e marcante que temos nas sociedades que se dizem de orientação democrática. Mesmo nelas, o desejo de permanecer no comando é uma realidade muito presente. Isso demonstra, claramente, que não são instituições realmente democráticas. Uma organização democrática e colaborativa deve querer, desejar, buscar, incessante e permanentemente a transitoriedade das responsabilidades de governo. Ou isto, ou não serão instituições de relações operacionais relacionais sustentáveis e duradouras capazes de viabilizar a construção de projetos comuns e que se encaminhem para um habitar humano sustentável e duradouro.

Da mesma forma que na dimensão das relações íntimas, Humberto Maturana (1994) alerta sobre a necessidade de atentarmos para o fato de que se qualquer uma dessas dimensões for “esquecida” será inviabilizada a possibilidade de um habitar humano duradouro e sustentável. Ao mesmo tempo em que não existe uma relação de hierarquia e de importância entre essas relações operacionais, existe uma interdependência essencial sem a qual nada acontecerá na direção de um habitar humano sustentável e duradouro. Assim como na dimensão das relações íntimas, Humberto Maturana chama a atenção para o fato de que a convivência na busca de um projeto comum de habitar humano sustentável e duradouro precisa ser tomado como a construção de uma obra de arte que se realiza no espaço do viver/conviver humano e que só se viabilizará se estivermos conscientemente desejosos de que isso se realize no amar, no respeito e na aceitação mútua do outro, tendo como meio o desenvolvimento de um projeto comum para a viabilização de um habitar humano sustentável e duradouro entre as pessoas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os modos de viver de nós humanos surgem em decorrência de nossos desejos. Desejos, esses, que nos levam a fazer escolhas. Pode acontecer de fazermos escolhas e dizer que não eram as escolhas que queríamos fazer. No entanto, precisamos admitir que quando isso ocorre é porque optamos por escolher algo que queremos manter/conservar em nosso viver. A trajetória ou a história da evolução é uma história de processos transformativos que ocorrem orientados pela conservação de modos de viver que escolhemos viver. Se escolhermos um modo de viver orientado pela competição, pela dominação, pela desconfiança, pela luta, pelo não deixar o outro aparecer, o que teremos é um modo de viver que nega o outro, que busca dominar o outro, que não deixa o outro aparecer. A principal consequência desse modo de viver é a construção de um caminho de destruição do outro e de nós mesmos no decorrer desse processo. Esse modo de viver é um modo de viver que não se sustenta a médio e a longo prazo. Da mesma forma, gera no presente um viver que não prima pelo viver no bem-estar. Essa competição, desconfiança e negação do outro acaba nos levando a destruição como espécie e arrastando nessa destruição um conjunto de outras formas de vida no planeta e mesmo interferindo na harmonia ecológica da Biosfera.

Maturana (1995) faz uma indagação que acreditamos, nos convida a uma radical reflexão, quando pergunta como nós humanos fomos capazes de construir relações de tanta inveja, tanto ódio, tanta desconfiança? Como aprendemos isso se não nascemos amando nem odiando ninguém e nenhum outro ser? Para o autor, essa capacidade de odiar o outro e buscar destruí-lo nos cega e não nos deixa perceber que, ao assim agir, podemos estar destruindo a nós mesmos nessa tentativa.

Se, ao contrário, optarmos por um viver na co-operação, na co-elaboração e na busca sincera e generosa de construção de um projeto comum no respeito, na responsabilidade, na liberdade, no deixar o outro aparecer, enfim, um modo de viver no amar ao outro e as demais forma de vida, estaremos escolhendo um caminho que nos levará a um habitar humano sustentável e duradouro. Essa sustentabilidade duradoura a que estamos nos referindo tem como premissa fundamental uma proposição da Biologia-cultural, qual seja: toda forma de vida tem seu valor como tal. Toda forma de vida tem direito a viver. Como se refere Maturana e Dávila (2009; 2004a): “Qualquer forma de viver humana que se conserva na aprendizagem das crianças constitui o nosso saber emocional/cultural”. Nós humanos existimos no contexto relacional que constitui os nossos modos de viver. Modo de viver, esse, decorrente do entrelaçamento do emocionar com o linguajar. A esse entrelaçamento denominamos conversar. Desse entrelaçamento linguajar/emocionar derivam os mundos que construímos no fluir de nosso viver. Portanto, podemos gerar diferentes modos de habitar humano do planeta Terra e da Biosfera. Mundos sustentáveis duradouros a partir de relações de co-operação, co-elaboração e de co-inspiração na busca de construção de um projeto comum, ou, mundos de competição, de controle. Os primeiros se sustentam num presente cambiante em busca da harmonia na conservação do viver. Um presente de bem-estar. Já o segundo promove um presente de dor e sofrimento e um devir de destruição ao conservar modos de viver competitivos e destrutivos. Um presente de mal-estar. O convite que deixamos aos leitores e leitoras é para uma mudança de modos de viver, uma transformação no caminho de uma nova era que substitua a competição pela co-elaboração e pela co-operação. Entendemos que essa mudança pode nos encaminhar para a construção de relações co-inspirativas para a construção de um projeto comum sustentável e duradouro.

REFERÊNCIAS

GIMBUTAS, Marija. El language de la Diosa. Madrid. Grupo Editorial Asturiano, 1996

MATURANA, H. R.; **DÁVILA**, X. Y. Ética e desenvolvimento sustentável – caminhos para a construção de uma nova sociedade. Conferência. In: Revista Psicologia & Sociedade, v. 16, n. 3, 102-110. Porto Alegre: 2004a. Disponível em: www.scielo.br/pdf/psoc/v16n3/a13v16n3.pdf ; Acesso em: nov. 2023.

_____. La democracia es una obra de Arte. Cooperativa Editorial Magistério. Colombia-Bogotá, 1994.

_____. **DÁVILA**, X. El arbol del vivir. MVP Editores. Santiago-Chile, 2016.

_____. R. El Sentido de lo Humano. Chile. **Comunicaciones nordeste Ltda**, 2004.

_____; **VERDEN-ZÖLLER**, G. **AMAR E BRINCAR**: fundamentos esquecidos do humano. São Paulo. Palas Athena, 2004.

_____. A ontologia da realidade. Belo Horizonte. UFMG, 1997 a.

MATURANA, H. R.; **VARELA**, F. G. **DE MÁQUINAS E SERES VIVOS**: autopoiese – a organização do vivo. Porto Alegre. Artes Médicas, 1997.

_____; **DÁVILA**, X. Y. **HABITAR HUMANO**: em seis ensaios de Biologia–Cultural. São Paulo. Palas Athena, 2009.

_____. El arbol del vivir. MVP Editores. Santiago-Chile, 2016.

_____. The nature of time. Santiago. Instituto de terapia cognitiva, 1995.

_____. DÁVILA, Ximena. História de nuestro vivir cotidiano. Chile. Paidós. 2019.